

**A CORRELAÇÃO ENTRE HESITAÇÃO E TIPO TEXTUAL:
ASPECTOS DA FALA DO INTERIOR PAULISTA**

Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)
mlwiedemer@gmail.com

RESUMO

Nesta conferência, considerando a perspectiva textual-interativa (JUBRAN, 2006) dos estudos de interação fase a fase, apresento os resultados da investigação do funcionamento das hesitações na fala semiespontânea, e a possibilidade de as hesitações apresentarem uma relação com tipos textuais. O *corpus* é oriundo de gravações de interação face a face, constituindo inquéritos entre documentador e falante, proveniente do português falado na região noroeste do estado de São Paulo, os quais integram o "Banco dos Dados Iboruna" do projeto "Amostra Linguística do Interior Paulista – ALIP" (GONÇALVES, 2007). Os resultados demonstram para a possibilidade de as hesitações revelarem relação com tipos textuais, e que há certa regularidade de usos de determinadas hesitações com os tipos de textos, sendo as mais frequentes as pausas não preenchidas seguidas das pausas preenchidas, porém observamos que o tipo de entrevista parece fornecer uma predisposição para determinados usos de hesitações.

Palavras-chave: Hesitação. Tipo textual. Aspecto da fala. Pausas.

1. Introdução

Este capítulo discute questões relativas à constituição do texto falado, ou seja, da oralidade, como atividade sociocomunicativa (cf. JUBRAN, 2006), e tem por objeto de estudo a *hesitação*, e considera a língua em uso como uma atividade interativa, e enquanto fenômeno empírico, a interação se processa por meio de um texto (oral/escrito). Sobre isso, Clélia Cândido Spinardi Jubran (s/d) diz que

o texto, tomado como objeto de estudo, é considerado não como produto estancado de uma interlocução verbal, mas como processo dinâmico sujeito a pressões de ordem interacional, que se mostram na materialidade linguística do texto.

Assim, o texto é entendido como resultado do processo de interação face a face, em que se buscam “pistas” do desempenho linguístico, ou seja, o modo de como a língua é processada em interação.

Essa perspectiva se fundamenta na concepção da linguagem como interação social e considera o caráter sistemático dos procedimentos de construção textual, que podem ser constatados por suas marcas formais. A perspectiva textual-interativa é utilizada como quadro teórico que ser-

ve de sustentação a esta pesquisa, pois coadunamos com Clélia Cândido Abreu Spinardi Jubran (2006) ao considerar que o processo de *hesitação* é decorrente da construção da interação face a face.

A leitura dos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores vinculados ao denominado “Grupo do Texto”, decorrente do Projeto da Gramática do Português Falado, do qual Luiz Antônio Marcuschi (UFPE) fez parte, possibilita reconhecer dois tipos de descontinuidades, que são focalizados como fenômenos intrínsecos da oralidade: a *hesitação* e a *interrupção*, que são atividades decorrentes do processamento *on-line*. A *hesitação* não tem estatuto informacional e não faz parte da estrutura sintagmática do segmento no qual ocorre, mas com um importante papel de indicar processos cognitivos e estratégias linguísticas em elaboração.

“Ela revela o jogo interacional de manutenção, tomada e concessão de turnos, já que cria momentos privilegiados de troca ou permanência de falantes, dependendo da modalidade de recurso hesitativo empregada” (JUBRAN, 2006, p. 34). Já a *interrupção* “são efetuados pelos falantes com o propósito de introduzir, na progressão do texto, reformulações do que foi dito ou inserções de dados informacionais ou contextuais necessários à compreensão do que está sendo dito”. (JUBRAN, 2006, p. 47)

Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 68), ao apresentar os resultados sobre o estudo das *hesitações*, aponta que: “há uma relação entre a *hesitação* e o tipo de texto. Essa correlação/diferença ainda não foi feita”, e “a funcionalidade das hesitações pode ainda *estar associada a particularidades de determinados contextos interacionais*” (grifo nosso)²¹⁶. Além disso, Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 48), sobre a hesitação, expõe que há uma sistematicidade desse processo, bem como não é aleatório, e “a hesitação não se acha aleatoriamente distribuída na estrutura organizacional do enunciado, mas obedece a alguns princípios gerais de distribuição e serve também como indicação de organização sintagmática da língua”.

Sobre o assunto, Luiz Antônio Marcuschi (2006) considera que a hesitação é um fenômeno textual-discursivo que atua no plano do processamento do texto ligado à sua emissão e é caracterizada juntamente com a interrupção, como um fenômeno intrínseco da oralidade. Nessa pers-

²¹⁶ Sandra Merlo (2006, p. 47) destaca o tipo de texto entre os fatores que interferem na expressão das hesitações.

pectiva, Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 63) discorre:

De maneira geral, a posição mais frequente da hesitação se acha no ato da *construção de sintagmas*. Isso permite considerar a hesitação como *indicador de dificuldade de construção de constituintes oracionais ou de ligações de constituintes*. Por vir no início de estruturas, parece que a hesitação de fato se relaciona com o planejamento linguístico. [...] As hesitações, ao contrário das repetições, por exemplo, não são estratégias de formulação textual, e *sim indícios ou sintomas de dificuldades de processamento cognitivo/verbal* localizada na estrutura sintagmática. (MARCUSCHI, 2006, p. 63 – Grifo nosso)

Conquanto Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 49) considere a hesitação como indício ou sintoma de dificuldade de processamento cognitivo/verbal, ao tratar do tema, considera que o mecanismo da hesitação “pode ter motivações discursivas, preservando a fluência. Assim, fluência discursiva e descontinuidade sintática não formam uma dicotomia, já que dizem respeito a níveis de observação diversos”. Mercedes Fátima de Canha Crescitelli (2008, p. 148), sobre o assunto, comenta: “Já a hesitação indicia o processamento textual, não podendo ser vista como disfunção meramente, conforme mostraram amplamente os trabalhos de Marcuschi”.

Parece clara a ocorrência da *hesitação* no processo de formulação do texto na interação face a face e que há uma possível relação entre a hesitação e o tipo de texto, isso posto, tem-se como objetivos: (i) descrever, numa perspectiva textual de orientação interacional, a sistematicidade do processo de hesitação no português falado do interior paulista; (ii) avaliar as possíveis correlações entre a ocorrência do processo de hesitação nos diferentes tipos de textos da amostra *Iboruna*, bem como suas características, com a finalidade de encontrarmos regularidades de usos das hesitações.

Os dados que foram utilizados para esta análise são integrantes do Banco dos Dados *Iboruna* do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista, Sebastião Carlos Leite Gonçalves, 2007)²¹⁷ constituído com amostras do português falado na região noroeste do estado de São Paulo, mais especificamente na região delimitada por São José do Rio Preto e seis cidades que lhe fazem fronteira.

Para a presente pesquisa utilizamos amostras de fala, tecnicamente denominadas *Amostra Censo* ou *Amostra Comunidade (AC)*, coletadas de acordo com os critérios da sociolinguística laboviana, que envolveu o

²¹⁷ Disponível em: www.iboruna.ibilce.unesp.br

controle rigoroso das seguintes variáveis sociais: a) *sexo/gênero* (masculino, feminino); b) *faixa etária*, estratificada em cinco níveis (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos, + de 55 anos); c) *escolaridade*, estratificada em quatro níveis (1º. ciclo do ensino fundamental, 2º. ciclo do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior); d) *renda familiar*, estratificada em quatro níveis (até 5 SM, 6 a 10 SM, 11 a 25 SM, + 25 SM). As amostras de AC foram direcionadas para obtenção de cinco tipos de textos de cada informante, com base na metodologia exposta em Votre e Oliveira (1995 *apud* GONÇALVES, 2008), a saber: *narrativa de experiência pessoal* (NE), *narrativa recontada* (NR), *relato de descrição* (DE), *relato de opinião* (RO) e *relato de procedimento* (RP).

Assim, recorreremos e consideramos, em nossa análise, os tipos de textos do *Iboruna*. Aqui é importante destacar que narrativas são bastante frequentes nas entrevistas sociolinguísticas, porque o roteiro das perguntas leva o informante a relatar fatos dinâmicos que se sucederam em determinado tempo e local, envolvendo-o ou envolvendo pessoas de sua convivência. Essa escolha é fundamentada na definição de tipo textual. Em mérito, Luiz Antônio Marcuschi (2008, p. 154) define:

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição*, *injunção*. O conjunto de categorias para designar *tipos textuais* é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto *argumentativo* ou *narrativo* ou *descritivo* ou *injuntivo*.

Assim, Luiz Antônio Marcuschi (2008) conceitua *tipo textual* como uma construção teórica, definida pela natureza linguística de sua composição; não são textos inteiros, mas modos textuais. O gênero textual se refere a texto materializado em situação comunicativa. Para esse conceito de gênero textual, predominam critérios de natureza comunicativa e sócio-histórica.

Além dessa introdução, este capítulo é apresentado em cinco seções. Na primeira delas, passamos à caracterização da *hesitação*, bem como uma possível reelaboração do quadro de funções das hesitações apresentadas por Luiz Antônio Marcuschi (2006). Na segunda, é identificado a sistematicidade das hesitações nos tipos de textos do *Iboruna*, ca-

racterizando a fala do interior paulista. Na quarta seção, verificamos se há tipos de hesitações mais característicos em cada tipo de texto. Na quinta seção, discorreremos sobre os resultados encontrados, e ao final, são dispostas nossas considerações, bem como as referências utilizadas.

2. *Hesitação: breve caracterização*

De acordo com Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 49), a hesitação “tem como característica básica o fato de constituir evidentes rupturas da fala, na linearidade material, em pontos sintática e prosodicamente desmotivados, mas que não são aleatórios”. Ainda, em tema, o autor aduz que “parece perfeitamente possível observar a hesitação com o *status* informacional dos elementos linguísticos em cujos contextos ou fronteiras ela ocorre. Tem um papel pragmático considerável e não passa despercebida pelos falantes”.

Considerada como um fenômeno intrínseco da oralidade, a hesitação atua no processamento do texto, ligada à sua emissão, e o Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 48) a define: “as hesitações têm a função de ganhar mais tempo para o planejamento/verbalização do texto, sendo condicionadas por pressões situacionais das mais diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores”.

É importante frisar que outros autores, como Lourenço Chacon e Schulz Geralyn (2000), Julyana Chaves Nascimento e Lourenço Chacon (2006) e Roberta Cristina Rodrigues Vieira (2009), entendem o fenômeno da hesitação a partir de outro quadro teórico e baseiam-se nos estudos enunciativo-discursivos desenvolvidos especialmente por Authier-Revuz (VIEIRA, 2009). Sem nos aprofundarmos nessa corrente teórica, apontamos a definição apresentada por Julyana Chaves Nascimento e Lourenço Chacon (2007 *apud* VIEIRA, 2009), sobre hesitação: “elas marcariam momentos em que a negociação com outros específicos estaria sendo problemática para o sujeito, alterando a unicidade (aparente) do discurso”. (NACIMENTO & CHACON, 2007, p. 08 *apud* VIERA, 2009)

Retomando Luiz Antônio Marcuschi (2006), seu trabalho é realizado sob a perspectiva textual-interativa com base em dados extraídos de 231 minutos de fala de 11 textos do Projeto NURC. Após apresentar a definição e características das hesitações, o autor considera que as hesitações são materializadas no texto por meio de determinados fenômenos (MARCUSCHI, 2006, p. 50), conforme:

- a) fenômenos prosódicos: pausas, geralmente prolongadas, e alongamentos vocálicos;
- b) expressões hesitativas: *éh, ah, ahn; mm;*
- c) itens funcionais: artigos, preposições, conjunções, pronomes, verbos de ligação;
- d) itens lexicais: substantivos, advérbios, adjetivos, verbos;
- e) marcadores discursivos acumulados: *sei lá; quer dizer sabe; então né ah* etc.;
- f) fragmentos lexicais: palavras iniciadas e não concluídas.

Apesar de considerar esse quadro acima para as hesitações, o autor preocupa-se em afirmar que esses fenômenos não formam uma tipologia das hesitações e que são apenas diversas marcas empíricas de sua materialização.

Discordamos do autor no que se refere aos itens funcionais (c) e aos itens lexicais (d), pois não representam marcas formais de hesitação. Consideramos que são itens linguísticos sobre os quais pode recair um fenômeno hesitativo, como, por exemplo, prosódico (a) ou a fragmentação lexical (f).

Em relação aos fenômenos prosódicos, as *pausas* são distinguidas das pausas de juntura que aparecem entre grupos fonêmicos ou nas fronteiras sintáticas entoacionalmente marcadas e que não formam hesitações. São consideradas hesitações os silêncios intraturnos, com certa duração e no contexto de um padrão entoacional característico (reiteração de pausas). Já os *alongamentos vocálicos* com características hesitativas são recorrentes sobretudo em finais de palavras, e geralmente, a estratégia do alongamento em situação de ênfase ou listagem (que se dá na sílaba tônica), principalmente em palavras monossilábicas ou em sílabas finais átonas.

As expressões hesitativas, por sua vez, constituem-se de sons que não realizam palavras lexicalizadas, por exemplo, *ah, eh, ahn, mm*, quase sempre alongados e preenchendo pausas.

Os *itens funcionais* cobrem todos os elementos linguísticos que não têm significação referencial, tal como os artigos, as preposições, as conjunções e os pronomes. E os *itens lexicais* ocorrem, principalmente, entre os verbos de uma ou duas sílabas em grande parte, como em: *real-*

mente *há há* um/ maior procura de engenheiros. (MARCUSCHI, 2006, p. 54)

Os critérios usados para a identificação dos *marcadores discursivos acumulados* são o acúmulo de marcadores que forma conjuntos que se agregam num certo momento e realizam-se com marcas prosódicas típicas.

Por fim, os *fragmentos lexicais* são caracterizados por um item duvidoso ou de difícil acesso no momento da formulação textual, caracterizados como palavras iniciadas e não concluídas.

A partir dessa classificação, Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 56) considera as formas como as hesitações se materializam, e alguns aspectos de natureza formal como a organização sintática e de natureza discursiva como o fluxo informacional. Com isso, o autor sugere uma classificação para os tipos de hesitações, conforme disposto na sequência.

- a) *Pausas não preenchidas*: são realizadas como silêncios prolongados, que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe²¹⁸;
- b) *Pausas preenchidas*: caracterizam-se por ocorrências de expressões hesitativas do tipo *eh*, *hm*, *ah*, e certos alongamentos vocálicos, nos casos em que esses alongamentos não recaem em sílabas tônicas nem são funcionais para efeitos expressivos;
- c) *Repetições hesitativas*: são repetições de itens funcionais, itens lexicais ou marcadores discursivos;
- d) *Falsos incícios*: são todos os incícios de unidades sintáticas oracionais com algum problema e refeitos ou retomados com elementos dos fenômenos hesitativos apresentados; excluindo-se os fenômenos prosódicos e as expressões hesitativas.

Notamos que esta classificação, dos tipos de hesitação, não se diferencia, em certa medida, da primeira fornecida por Luiz Antônio Marcuschi, quando o autor considera os aspectos formais da hesitação. Além disso, observando os tipos de hesitações, estas se enquadram nos fenômenos dos aspectos formais. Diante disso, avaliando os dois quadros ela-

²¹⁸ Também denominadas de *pausas silenciosas*, e conforme Brigitte Zellner (1994) são percebidas como uma porção de silêncio no sinal da fala e que podem ocorrer com uma inspiração, expiração, deglutição e reflexo laringofonatório.

borados por Luiz Antônio Marcuschi (2006) para as hesitações, resolvemos, para nossa análise, reestruturarmos em uma única classificação para as hesitações. Na continuidade, expomos nossa reelaboração.

- | |
|---|
| <p>a) Pausas não preenchidas.
 b) Pausas preenchidas: i) alongamentos vocálicos e consonantais; ii) expressões hesitativas.²¹⁹
 c) Repetições hesitativas: i) itens funcionais; ii) itens lexicais.
 d) Acúmulo de marcadores discursivos.
 e) Fragmento lexical: corte lexical, isto é, a quebra que se verifica ocorre no interior da palavra.²²⁰</p> |
|---|

Quadro 1. Tipos de hesitações²²¹

Considerando, então, o que foi exposto, e a proposição colocada por Luiz Antônio Marcuschi (2006) da possível correlação entre a ocorrência do processo de hesitação com o tipo de texto, na seção seguinte, passamos a analisar a sistematicidade das hesitações na fala do interior paulista a partir de nossa reelaboração, conforme quadro (1), acima.

3. A sistematicidade das hesitações na fala do interior paulista

A partir da classificação disposta no quadro (1), primeiramente, organizamos a distribuição dos tipos de hesitação em função da quantidade de ocorrências no *corpus* investigado. As ocorrências estão organizadas de acordo com a frequência de ocorrência e seu respectivo percentual, conforme tabela 1, a baixo.

A primeira observação a considerar é a desproporção em relação ao número de ocorrências dos diferentes tipos de hesitações. Na tabela (1), aparecem as *pausas preenchidas* como as mais recorrentes em toda a amostra, e, por sua vez, os *acúmulos de marcadores discursivos* como os menos frequentes na amostra investigada.

²¹⁹ Maria Candea, Ioana Vasilescu e Martine Adda-Decker (2005) definem *pausas preenchidas* como segmentos vocálicos alongados presentes em todas as línguas do mundo e que ocorrem com frequência em fala espontânea.

²²⁰ Segundo Maria Cecília Pérez de Souza e Silva e Mercedes Fátima de Canha Crescitelli (2006, p. 73) "casos de quebra de palavra constituem hesitações que coocorrem com a interrupção".

²²¹ Agradeço à professora Dra. Clélia Cândido Spinardi Jubran pelas sugestões na elaboração deste quadro.

Tipo de marca linguística	Quantidade (n)	Porcentagem
<i>Pausas não preenchidas</i>	3035	51%
<i>Pausas preenchidas</i>		
a) alongamentos vocálicos e consonantais	1411	23%
b) expressões hesitativas	139	2,5%
<i>Repetições hesitativas</i>	575	9,5%
<i>Acúmulo de marcadores discursivos</i>	385	6,5%
<i>Fragmento lexical</i>	414	7,5%
TOTAL	5959	100%

Tabela 1. Distribuição dos tipos de hesitação

As *pausas não preenchidas* pelo fato de serem mais recorrentes no *corpus* investigado, são exemplos de atividade de planejamento do discurso e confirmam as palavras de Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 67) ao afirmar que “quando o falante tem pouco controle do seu turno, produz pausas silenciosas maiores, mas, quando quer manter o controle do turno, as pausas silenciosas diminuem na quantidade e na duração, entrando aí as pausas preenchidas” (grifo nosso). Além disso, o autor salienta que nem todas as pausas são hesitações, e “os silêncios intraturnos, com certa duração e no contexto de um padrão entoacional característico (reiteração de pausas), são prováveis hesitações”. Observamos, nos excertos (01) e (02), as ocorrências de diversas pausas não preenchidas (destacadas em negrito).

(01)

Inf.: ai... vô(u) contá(r) do médico então... [Doc.: hum...] eu tava in(d)o no otorrino foi há::... faz uns dez dias... e::... eu fui... e justo aquele dia eu coloquei um calcete...[Doc.: hum] que é pra ba(i)xo um po(u)co do joelho... me/meu/ um tamanco... uma blusinha e FUI... e::... porque eu sempre usei esse tamanco com a calça tampando o tamanco assim que é bem... no chão... e fui ao otorrino ... tô andan(d)o assim e senti uma coisa estranha no pé... hora que eu olhei no pé assim meu tamanco arrebentando...

[AC-066, NE, L-53-59]²²²

(02)

Inf.: tem mais ao fundo tem a:: a que é a porta do refeitório... e na frente

²²² No decorrer deste trabalho, seguindo orientação do Projeto ALIP, empregamos os seguintes códigos para a identificação da fonte de onde a ocorrência foi extraída: AC, para identificar a Amostra Censo, seguida do número da amostra (de 01 a 152), do tipo de texto coletado (*narrativa de experiência* (NE), *narrativa recontada* (NR), *relato de descrição* (DE), *relato de opinião* (RO) e *relato de procedimento* (RP)) e do número da linha (L) da ocorrência.

do refeitório tem a parte da:: da montagem... onde as peças que sobem da:: da fábrica... é testado... o pessoal limpa [Doc.2: uhum ((concordando))] e embala... embala enca(i)xota e manda pra:: pra inspeção... ai tem uma escada que desce... e dá pro galpão [Doc.2: uhum ((concordando))] no fundo que é:: onde é a fábrica... e lá na fábrica... éh:: tem almoçarifado tem a parte da cromação... a parte da:: fundição:: o:: torno... a linha de montagem inte(i)ra da::... das torne(i)ras é feita... nesse galpão... ao/ à direita um po(u)co mais ao fundo fica... a:: o quartinho... onde é guardado:: todo tipo de... entulho possível ao lado ((risos)) 3[ao lado]

[AC-085, DE, L-204-212]

Um dado interessante nesse contexto é que o resultado a respeito das *pausas não preenchidas* difere da afirmação disposta por Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 59), em que “a expressão hesitativa por excelência da língua portuguesa falada é *eh* ou *éh*, que aparece com o maior percentual em todos os textos e níveis de formalidade”, porém conforme demonstramos nos resultados, a maior ocorrência é de *pausas não preenchidas*, ou seja, os silêncios na formulação do discurso. Por sua vez, confirmam os resultados Chacon Lourenço e Cristyane Camargo Sampaio Villega (2002), os quais, analisarem a fala infantil, também, encontraram uma maior marca deste tipo de ocorrência.

Quanto às *pausas preenchidas*, os alongamentos vocálicos ou consonantais, temos a ocorrência no final de palavras, conforme (03), bem como no interior da palavra, em (04). Notamos que os alongamentos vocálicos que ocorrem no interior de uma palavra, tal como se nota em (05), geralmente, recaem em sílabas tônicas.

(03)

Inf.: éh o:: que aconteceu:: o fato foi o seguinte né? minha mulher trabalha pa avó dela... e:: ela tem um primo que:: mora junto... e:: uns tempo atrás uns TRÊS quatro meses atrás já aconteceu isso já... ele se envolveu nu::/ nu::ma ro(u)BAda num::

[AC-071, NR, L-90-92]

(04)

ai ele me levô(u) um dia até lá... foi muito gostoso eu conheci to::das as irmãs de::le... os sobri::nhos... foi uma experiência muito gostosa... é eles pergunta::ram quantas pessoas tinha aqui perguntavam de pessoas já faleci::das...

[AC-084, NE, L-20-23]

(05)

é eu achei bonitinho porque minha irmã é::... ela tava indo na igreja... um dia desses num faz muito tempo não... e ela tem hábito de observá(r) muito as coi-

sas... ela observa muito a nature::za ela gosta muito de passari::nho essas coisas... e um dia...

[AC-084, NR, L-87-89]

Alguns alongamentos vocálicos são registrados com acompanhamento de elevação do tom e operam como ênfase. Vejamos este exemplo em (06).

(06)

... o volume de água é MUI::to grande... não sei se é SEMpre assim né? mas... e o ver::de né? é mui::to bonito o ma::to ali é um lugar... muito bonito mesmo... é um lugar que eu conheci que eu achei muito bonito...

[AC-075, NR, L-87-89]

Assim como os *alongamentos vocálicos* ou *consonantais*, nas *pausas preenchidas*, podem ocorrer as *expressões hesitativas*, tais como *éh, ah, hum* entre outras, conforme evidenciamos em (07a) e (07b).

(07)

(a)

Inf.: então éh::... ela é uma pessoa assim muito amoro::sa... eu conheci ((a filha da informante fala com terceiros)) eu conheci ela... quando eu tinha dezessete a::nos... ela foi uma pessoa que me ajudô(u) mui::to... é uma pessoa assim que::...

[AC-064, DE, L-70-73]

(b)

Inf.: ah ele deu... principalmente pas pessoa lá do::... como fala do o(u)to/ de o(u)tro país né? ⁶[lá da::] ⁶[Doc.: ham]... África [Doc.: sei] acho que é África né?

[AC-064, RO, L-418-419]

Os exemplos em (07a) e (07b), no corpus investigado, são os mais recorrentes, e ocorrem, em alguns casos, após a pergunta feita pelo documentador, em que o entrevistado, na elaboração da resposta, hesita para então proceder a elaboração da resposta. Acreditamos que a maior frequência de expressões hesitativas no início do discurso seja em decorrência da delimitação/busca do tópico discursivo. Também, encontramos o uso de *expressão hesitativa* durante a produção do discurso, como em (08). Ademais, há exemplos do acarretamento de *expressões hesitativas* com outros tipos de hesitações, no início do discurso, como evidenciado em (09), em que há o uso de *marcador discursivo* conjuntamente com

pausa não preenchida e expressão hesitativa.

(08)

...naquele corredor eu só consegui vê(r) a minha espo::sa... com a minha filha e o meu filho... né?... e aquela voz dizia assim ao meu ouvido êh:: – “não... êh você não está... com a sua vida perdida... a SUA MÃE...

[AC-057, NE, L-17-]

(09)

Inf.: olha... êh tô com vinte e oito HOje hum:: ah deveria tê(r) aí:: não me recordo às vezes eu me confundo se faz sete sete:: ou oito anos mas enfim... de vinte a::...

[AC-057, NE, L-91-93] Já quanto às *repetições*, Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 220) refere que “a repetição não é um descontinuidador textual, mas uma estratégia de composição do texto e condução do *tópico discursivo*”. Concordamos com o autor, porém acreditamos que há pelo menos três tipos de repetições: (i) repetição intraturnos, que ocorrem em diferentes turnos, conforme é evidenciado no exemplo (10), em que o informante estabelece um elo coesivo de retomada de tópico; (ii) repetição de elemento linguístico (11) e (12); (iii) repetição de manutenção de tópico discursivo (13), conforme exemplificamos.

(10)

Inf.: ³[NÃO] fomos num jantar lá no num:: restaurante chamado Rafain... Rafain é... e/

Doc.: como que era assim?

Inf.: ah o::...

Doc.: o restaurante?

Inf.: o restaurante era muito bonito... dentro dele assim... lá no meio tinha tipo d'uma::... uma fogue(i)ra - né? F. ((falando com a esposa)) - um negócio assim que tinha no meio dele assim... (e num anda::/)... no::... no dia à noite teve umas

[AC-075, DE, L-167-177]

(11)

Inf.: olha... êh tô com vinte e oito HOje hum:: ah deveria tê(r) aí:: não me recordo às vezes eu me confundo se faz sete sete:: ou oito anos mas enfim... de vinte a::... a vinte e um anos mais ou menos... né? e:: quando ela veio a falecê(r) foi/ foi uma coisa que choCÓ(u) porque:: aparentemente ela estava apenas com uma gripe... ficô(u) uma semana duas fazen(d)o tratamen::to::... né?

[AC-057, NE, L-17-21]

tição é uma formulação bastante presente na oralidade. Por exemplo, avaliando a amostra (75) do *Iboruna*, o indivíduo faz uso de 7.339 *tokens*, porém com 1.429 *types*, sendo o item mais recorrente o uso da expressão “que”, com 189 *tokens*, seguido do pronome “eu” com a frequência de 164 ocorrências, bem como faz uso da expressão “hotel” por 23 vezes durante a entrevista.

Aprofundando o assunto, a primeira referência à palavra “hotel”, ocorre, logo após a pergunta do documentador “*Doc.: então tá... éh:: eu queria que cê contasse uma histó::ria pessoal sua assim*” [AC-075, NE, L. 1-2]. Na sequência, o informante passa a relatar uma história, conforme observamos em (14).

(14)

*essa é uma história que eu lembro agora de momento... (inint.) éh:: uma o(u)tra que eu me lembro também foi que:: quando::... eu sô(u) representante comercial né? e a empresa nós fomo(s) fazê(r) um trabalho em::... um **hotel fazenda perto de Bauru...** e aí num:: dia à noite depois do jantar quando tava lá nesse hotel*

[AC-075, NE, L-14-18]

Após a introdução do tópico *hotel*, o informante, como apontamos em (13), faz uso deste item linguístico por mais 22 vezes e encerra o uso desta expressão antes de iniciar o relato de procedimento e, na sequência, não faz mais uso do item linguístico “hotel”, bem como dá continuidade de outro tópico discursivo. Vejamos em (15).

(15)

*[Doc.: hum] é um **hotel** bem bonito que eu fiquei tam(b)ém que... que eu me lembro **RP***

Doc.: bom... cê sabe cozinhá(r) alguma coisa?

*Inf.: ovo cozido... [Doc.: ((risos))] ovo cozido eu sei ((risos))... (não) eu tô brincan(d)o eu/... **FAZ TEM**po eu antes eu::... me aventurava um po(u)quinho mais na cozinha mas num era gran::de coisa é um pouc/ **SEI** fazê(r) que::... me disseram que eu... faço bem... é a galinhada né? galinhada na cerveja*

[AC-075, NE, L-202-210]

Com isso, notamos que a *repetição* colabora na elaboração do planejamento linguístico, principalmente, na organização tópica do discurso. Dessa forma, de acordo com o referido, há três tipos claros de *repetições*, sendo a mais recorrente aquela o informante estabelece como elo coesivo de retomada de tópico.

Sobre o tópico discursivo, Clélia Cândido Spinardi Jubran (2006, p. 90) infere que “o tópico discursivo se torna um elemento decisivo na constituição de um texto falado, e a estrutura tópica serve como fio condutor da organização textual-interativa”. Além disso, encontramos nas palavras da autora que “as *repetições*, uma das estratégias de construção textual mais presentes na oralidade, podem introduzir, reintroduzir, manter ou delimitar tópicos”. Segundo o destacado em (14), após introduzir o tópico, o informante faz uso de repetições, com a finalidade de manutenção e delimitação de determinado tópico.

No tocante aos marcadores discursivos, primeiramente, é importante considerar as observações de Clélia Cândido Spinardi Jubran (2006, p. 111):

Há marcadores discursivos que têm por função dominante promover, como nexos coesivos, a articulação de segmentos do discurso. Eles são basicamente sequenciadores e, no que diz respeito à organização tópica do texto falado, estabelecem aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechos de tópicos, em posição inter ou intratópicas.

Como tratamos aqui das marcas de hesitações, e dos *acúmulos de marcadores discursivos*, nesta pesquisa, classificamos somente os acúmulos de marcadores discursivos, conforme (15) e (16).

(15)

Inf.: olha... êh tô com vinte e oito HOje hum:: ah deveria tê(r) aí:: não me recordo às vezes eu me confundo se faz sete sete::

[AC-057, NE, L.17-18]

(16)

Inf.: [ah é... ê] olha tem:: algumas mas o que eu me lembro agora no momento é essa daqui... (um certo) dia nós tamos lá no merca::do tal trabalhan::(do) (desenvolvendo) ali na produção aí começô(u) um comentário sobre uma história o meu gerente::

[AC-057, NR, L.119-]

Nos exemplos (15) e (16), dá-se o uso de *olha* como marcador discurso, e, de acordo com Risso (2006, p. 470), no texto falado, “os marcadores *bom, bem, olha* e *ah* se constituem como segmentos prefaciadores, proferidos pelo locutor como formas especiais de adiamento de um conteúdo tópico, durante a interação”. Ainda sobre o assunto, os autores destacam que “eles são em comum desencadeados, no curso da fala, como parte ou totalidade de atos verbais preparatórios de declarações sequentes”.

O acúmulo de marcadores discursivos também é ressaltando por Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 54-55), “[os marcadores discursivos são] problemáticos na sua identificação, pois eles se confundem com as demais manifestações de hesitação. Trata-se de marcadores que formam conjuntos que se acumulam num certo momento e realizam-se com marcas prosódicas típicas”.

Por fim, encontramos três tipos de recorrências para os *fragmentos*: (i) fragmento lexical seguido da palavra correspondente completa (17); (ii) fragmento lexical (18); (iii) fragmento seguido de adequação morfossintática (19).

(17)

*Inf.: ¹[aquelas] aquelas argolinhas da corrente vai soldan(d)o uma na o::(u)tra devagar vai fechan(d)o... tem corrente de:: que fala três e UM... é três eles pequeno e um grande... um e um é tudo elo peque/pequeno...quatro e um é quatro elo **peq/pequeno** e um grande... tem vários modelo po cê fazê(r) uma corrente... e aí...*

[AC-071, RP, L-222-225] (18)

*Inf.: por o(u)tro lado a renda familiar tá cain(d)o bastante [Doc.2: hum] e o(u)tra tá **amen/** a quantidade...*

[AC-085, RO, L-316-317]

(19)

*na hora da dor ali resolve ali a reconciliá(r) fica **aquela/ aquele** peso na consciência – “por que que não reconciliei an::tes?”*

[AC-057, NE, L-65-66]

De acordo com Leonor Lopes Fávero, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade e Zilda Gaspar Oliveira d Aquino (2006, p. 256), os exemplos supraindicados são caracterizados como hesitações, pois são usos feitos durante a formulação/linearização, “caracterizando-se por seu aspecto prospectivo, já que tem como escopo algo que vem depois”.

Considerando que as hesitações em geral se constituem de vários elementos acumulados, temos ocorrências de fenômenos hesitativos, em que observamos, por exemplo, a ocorrência de vários itens hesitativos, exemplo em (20), *pausa não preenchida, pausa preenchida (alongamento vocálico)* e *repetição*; ou, ainda, em (21), *fragmento lexical* conjuntamente com *repetição*.

(20)

[Doc.: hum::] dentro d'uma bolsa... aí a hora que a diretora foi lá chama(r) ele... ele saiu só c' o caderno... sem a bolsa falô(u) que num tinha ⁴[que num tinha] ⁴[Doc.: a arma] a bolsa num tinha a bolsa num tinha nada... **aí a hora aí a::...** a:: polícia o policial foi na classe e perguntô(u)... e aí eles entregaram a bolsa e a hora que abriu a bolsa a arma ⁵[tava dentro da bolsa]...

[AC-078, NE, L-62-66]

(21)

hoje ela tem seis anos né?... e:: comecei namorá(r) cedo né? eu comecei namorá(r) com treze anos... e logo... logo depois me casei... e **it' e isso** foi o que me marcô(u) muito né? porque foi... logo... assim::... praticamente entrei na adolescência né?...

[AC-064, NE, L-11-14]

Considerando, então, nosso primeiro objetivo, descrever, numa perspectiva textual de orientação interacional, a sistematicidade do processo de hesitação no português falado do interior paulista, pode-se dizer que a reelaboração proposta por nós, conforme o quadro (2) se mostrou produtiva, e a observação sistemática dos diferentes tipos de hesitações forneceu um potencial modelo de análise, o que nos serviu para oferecer um panorama de usos das hesitações no *corpus* investigado, bem como permite-nos compreender os recursos e as estratégias de que se valem os interlocutores na entrevista sociolinguística. Além disso, podemos afirmar que há uma diferença significativa de uso entre os diferentes tipos de hesitações, conforme se observa nas frequências de usos.

A partir desse quadro de usos das hesitações, na seção seguinte, passamos a avaliar as possíveis correlações entre a ocorrência do processo de hesitação nos diferentes tipos de textos da amostra *Iboruna*, bem como suas características, com a finalidade de encontrarmos regularidades de usos das hesitações.

4. A relação entre as hesitações e o tipo de texto na fala do interior paulista

Após investigarmos os contextos de uso do processo de hesitações no *corpus* na fala do interior paulista, indicamos os resultados em relação à sistematicidade das hesitações nos tipos de textos do *Iboruna* e, com isso, apontamos se há tipos de hesitações mais característicos em cada tipo de texto.

Para tal, primeiramente, dispomos a distribuição de hesitações, na Tabela 2, e os resultados dos tipos de hesitação em relação ao tipo de texto.

Tabela 2. Distribuição dos tipos de hesitação vs. tipo de texto

Tipo de marca linguística	NE	NR	DE	RP	RO	TOTAL
<i>Pausas não preenchidas</i>	746	544	548	490	707	3035
<i>Pausas preenchidas</i>						
a) alongamentos vocálicos e consonantais	350	251	310	223	277	1411
b) expressões hesitativas	25	13	23	28	50	139
<i>Repetições hesitativas</i>	132	122	121	82	118	575
<i>Acúmulo de marcadores discursivos</i>	91	72	84	47	91	385
<i>Fragmento lexical</i>	92	83	81	59	99	414
TOTAL	1436	1085	1167	929	1342	5959

De imediato, chama atenção o alto uso de *pausas não preenchidas* no corpus investigado em relação aos demais usos de hesitações, conforme já adiantamos na seção anterior, porém encontramos uma maior ocorrência desse tipo de estratégia em textos de NE e RO em relação aos demais tipos de textos. Além disso, detectamos uma maior distribuição de *alongamentos vocálicos e consonantais* em narrativas de experiência pessoal e relato de opinião. Nestes tipos de texto, também, há maior uso de *acúmulos de marcadores discursivos* e *fragmento lexical* em relação aos demais tipos de hesitações. Já as *repetições hesitativas* são menos frequentes em RP, e as *expressões hesitativas* são mais recorrentes em NR.

Considerando a distribuição das hesitações por tipo de texto, percebemos certa regularidade no uso das hesitações, em que temos a seguinte ordem de usos: as *pausas não preenchidas*; na sequência, *alongamentos vocálicos e consonantais*; e na continuação, *repetições hesitativas*, em todos os tipos de textos. Já em relação aos totais por tipo de texto, sem considerarmos o tipo de hesitação, individuamos menor uso de tipos hesitações no discurso *relato de procedimento*, e o tipo de texto que mais favoreceu o uso de tipos de hesitações foi o *relato de experiência pessoal*.

Sobre o assunto, Oliveira (2002) destaca que ao final das fases de uma narrativa, as pausas produzidas são, em geral, de longa duração, com objetivo de marcar o término de um conjunto de enunciados de mesmo valor semântico. Já Souza e Silva e Koch (2002) comentam que a hesitação constitui uma estratégia de desaceleração do texto falado, e faz parte

da atividade da construção da interação face a face, sendo parte integrante da competência comunicativa.

Acreditamos que o resultado de usos de hesitações em relação ao tipo de texto advém do modelo de entrevista presente no banco de dados do *Iboruna*, pois o modelo de entrevista fornecido, entrevistas sociolinguísticas, favorece a abertura de turnos longos por parte do entrevistado. Dessa forma, temos uma pergunta aberta feita pelo documentador, e, na sequência, um longo turno de elaboração do discurso pelo entrevistado, pelo próprio fato do roteiro favorecer este tipo de discurso. Do ponto de vista estrutural sequencial, apesar das gravações do *Iboruna* serem consideradas uma interação face a face, pois constituem inquéritos entre documentador e falante, diferem-se do modelo de interação típico de uma conversa informal, em que há maior ocorrência de trocas de turnos entre os participantes do discurso. Portanto, acreditamos que o tipo de discurso do *Iboruna*, pergunta aberta seguida de resposta longa, propicie determinados usos de hesitações, ou seja, as *expressões hesitativas*, como evidenciado nos resultados para este tipo de hesitação.

Conforme se observa, no modelo de entrevista sociolinguístico, a hesitação ocorre sem perda do turno da fala, algo inverso da interação de uma conversa, pois pausas abrem espaços para exploração do turno de fala, o que leva a Danielle Laroche-Bouvy (1984) a afirmar que “toda pausa de hesitação silenciosa pode ser explorada por uma ocupação do turno da fala”. Assim, em um processo interativo, o processo hesitativo pode afetar o ritmo da interação, porém no processo de entrevista é necessário que um dos participantes mantenha o domínio do turno da fala, e o outro a manutenção da fala, neste último, o entrevistado. Ainda de acordo com Danielle Laroche-Bouvy, o participante da entrevista pode lançar mão de duas estratégias, a repetição e a pausa oralizada, sendo que a primeira consiste em repetir palavras, grupos de palavras ou segmentos de enunciados. Já a pausa oralizada é efetivada sob a forma de emissão vocal de elementos não-lexicais e alongamentos vocálicos, que variam conforme o sistema acentual da língua.

Voltando aos dados da tabela 2 referente à distribuição dos tipos de hesitação, os dados encontrados confirmam que há uma maior ocorrência de pausas seguidas das repetições hesitativas, o que parece confirmar as palavras de Danielle Laroche-Bouvy (1984). Acreditamos que na elaboração do discurso, principalmente, por se tratar de narrativas, o entrevistado não tenha a preocupação da tomada de turno, o que condiz com a alta incidência de dados para pausas não preenchidas e pausas pre-

enchidas, bem como das repetições.

Assim, apesar de haver diferença estatisticamente significativa entre os tipos de hesitações e pouco diferença de uso entre os tipos textuais, a presença ou não de hesitações não se mostram como marcadores de diferentes operadores linguísticos que envolvem um particular tipo de gênero textual. Por outro, as hesitações revelam uma característica do tipo de processo interativo bastante recorrente nas entrevistas sociolinguísticas, sem interferência do tipo de texto solicitado pelo entrevistado. Por fim, o exame das hesitações e as possíveis correlações com os tipos de textos revela que as características linguísticas acionadas a produção da entrevista sociolinguística

5. Considerações finais

A ocorrência de diferentes tipos de hesitações na fala do interior paulista (*pausas não preenchidas, pausas preenchidas, acúmulos de marcadores discursivos, repetições, fragmento lexical*). As *pausas não preenchidas* são exemplos claros de planejamento do discurso e, desse modo, confirmam os achados de Luiz Antônio Marcuschi (2006), por sua vez, os resultados diferem da afirmação do autor, o qual indica esta como a mais recorrente em seu estudo, e, aqui, demonstramos que as *pausas não preenchidas* aparecem como as mais recorrentes. Porém, conforme observamos, na correlação entre tipo de texto e classificação de hesitação, acreditamos que o modelo de entrevista sociolinguístico condiciona tal resultado, em que temos o uso de hesitações sem perda do turno da fala. Também evidenciamos diferentes tipos de repetição como estratégia da manutenção do tópico discursivo, em que a centralidade é uma das características na manutenção do tópico discursivo, e a repetição, por sua vez, contribui para a manutenção desse tópico, conforme os apontamentos feitos por Clélia Cândido Spinardi Jubran (2006). E ainda, detectamos diferentes tipos de usos tipos de hesitações por *fragmento*. Ainda sobre a sistematicidade das hesitações, vimos que as hesitações, em geral, se constituem de vários elementos acumulados.

Já os resultados para a possibilidade de as hesitações revelarem relação com tipos textuais, os resultados mostram que há certa regularidade de usos de determinadas hesitações com os tipos de textos, sendo as mais frequentes as *pausas não preenchidas* seguidas das *pausas preenchidas*, porém observamos que o tipo de entrevista parece fornecer uma predisposição para determinados usos de hesitações. Todavia, aqui lançamos

mão de uma hipótese que merece ser investigada, pois estamos realizando um estudo preliminar do processo de hesitação na fala do interior paulista, tema que precisa ser ampliado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDEA, Maria; VASILESCU, Ioana; ADDA-DECKER, Martine. Inter- and intra-language acoustic analysis of autonomous fillers. DISS05, *Disfluency in Spontaneous Speech Workshop*, Aix-en-Provence: França, 2005. Disponível em:

<http://halshs.archivesouvertes.fr/docs/00/32/19/14/PDF/candea-vasilescu-adda_diss05.pdf>. Acesso em: 02-03-2014.

CHACON, Lourenço; SCHULZ, GERALYN. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 39, p. 51-71, 2000.

_____; VILLEGA, Cristyane Camargo Sampaio. Hesitações na fala infantil: indícios da complexidade da língua. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 54, n.1, jan./jun., p. 81-95, 2012.

CRESCITELLI, Mercedes Fátima Canha. Hesitação e interrupção do ponto de vista interacional. *Revista Investigações*, vol. 21, n. 2, julho, p. 133-151, 2008.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. A correção no texto falado: tipos, funções e marcas. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (Org.). *Gramática do português falado*, vol. VII: novos estudos. São Paulo: Humanitas; Campinas: Unicamp, 1999, p. 53-76.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *O português falado na região de São José do Rio Preto*: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo. Projeto de Pesquisa. São Paulo: FAPESP, 2007.

_____. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre constituição de um banco de dados de língua fala. In: TAGNIN, Stella Esther Ortweiller; VALE, Oto Araújo. *Avanços da linguística de corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 217-245.

JUBRAN, Clélia Cândido Abreu Spinardi. A perspectiva textualinterativa. In: JUBRAN, Clélia Cândido Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld

Villaça (Orgs.). *Gramática do português falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, vol. I: Construção do texto falado, 2006, p. 27-36.

_____. *Uma gramática textual de orientação interacional*. (mimeo).

LAROCHE-BOUVY, Danielle. Les pauses et les silences dans l'interaction verbale. In: _____. *Langage et Société*, MSH, 1984, p. 27-37.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Fenômenos intrínsecos da oralidade: hesitação. In: JUBRAN, Clélia Cândido Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs.). *Gramática do português falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, vol. I: Construção do texto falado, 2006, p. 47-70.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MERLO, Sandra. *Hesitações na fala semiespontânea: análise por séries temporais*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UNICAMP, 2006.

NASCIMENTO; Julyana Chaves; CHACON, Lourenço. Por uma visão discursiva do fenômeno da hesitação. *Alfa*, São Paulo, vol. 50, n. 1, p. 59-76, 2006.

OLIVEIRA, Miguel. The role of pause occurrence and pause duration in the signaling of narrative structure. *Lecture Notes in Computer Science*. vol. 2389, p. 51-65, 2002.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. n.: JUBRAN, Clélia Cândido Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs.). *Gramática do português falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, vol. I: Construção do texto falado, 2006, p. 427-496.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e; CRESCITELLI, Mercedes Fátima de Canha. Fenômenos intrínsecos da oralidade: interrupção. In.: JUBRAN, Clélia Cândido Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs.). *Gramática do português falado no Brasil*. Campinas:

UNICAMP, vol. I: Construção do texto falado, 2006. p. 71-86.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Estratégias de desaceleração do texto falado. In: Kato, Mary Aizawa. (Org.). *Gramática do português falado*, vol. V: Convergências. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 329-340.

VIEIRA, Roberta Cristina Rodrigues. Hesitação e referenciação no dis-

curso de um sujeito com doença de Parkinson. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 38, n. 2, p. 259-270, 2009.

ZELLNER, Brigitte. Pauses and the temporal structure of speech. In: KELLER, Éric. (Ed.). *Fundamentals of speech synthesis and speech recognition*. Chichester: John Wiley, 1994, p. 41-62.